



## O uso do documentário “Estou me guardando para quando o carnaval chegar” e as reflexões sobre o mundo do trabalho em uma sequência de aulas de sociologia: um relato de experiência

### Using the documentary “I’m saving myself for when carnival comes” and reflections on the world of work in a sociology lesson sequence: an experience report

### El uso del documental “Me estoy guardando para cuando llegue el carnaval” y las reflexiones sobre el mundo del trabajo en una secuencia de clases de sociología: un relato de experiencia

Luana Lopes<sup>1</sup>



<https://orcid.org/0000-0001-7854-7928>

**Resumo:** Este relato de experiência é resultado da sequência de três aulas de sociologia ministradas no primeiro ano do ensino médio integrado ao ensino técnico em um curso de Produção de Moda. O objetivo das aulas foi proporcionar reflexões sobre o mundo do trabalho e usando o documentário nacional “Estou me guardando para quando o carnaval chegar” (2019), como principal recurso didático para a abordagem dos conceitos sociológicos “trabalho”, “alienação” e “flexibilização do trabalho”. O documentário foi filmado na cidade de Toritama/PE, conhecida como “capital do jeans”, retratando a vida de trabalhadores e a relação desenvolvida com o carnaval. Ao final, os estudantes produziram uma carta endereçada aos moradores da cidade de Toritama, com o objetivo de refletir sobre os conceitos relacionados ao mundo do trabalho discutidos nas aulas.

**Palavras-chave:** Documentário e mundo do trabalho. Ensino de sociologia. Flexibilização do trabalho. Relato de experiência.

**Abstract:** This experience report presents the outcomes of a sequence of three sociology classes taught to first-year students in a Fashion Production technical program integrated with high school education. The lessons aimed to foster critical reflections on the world of work, using the Brazilian documentary "I'm Saving Myself for When Carnival Comes" (2019) as the primary teaching resource to explore the sociological concepts of "work," "alienation," and "labor flexibility." Filmed in Toritama, Pernambuco - known as the "jeans capital" - the documentary portrays the lives of local workers and their complex relationship with carnival. As a culminating activity, students wrote letters addressed to Toritama's residents, reflecting on the labor-related concepts discussed in class while engaging with the realities depicted in the film.

**Keywords:** Documentary and the world of work. Sociology teaching. Labor flexibility. Case study.

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Professora substituta de Sociologia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC), campus Ara-ranguá. E-mail: [luanalopes.cso@gmail.com](mailto:luanalopes.cso@gmail.com)

**Resumen:** Este relato de experiencia es el resultado de la secuencia de tres clases de sociología impartidas en el primer año de la enseñanza media integrada a la formación técnica en un curso de Producción de Moda. El objetivo de las clases fue proporcionar reflexiones sobre el mundo del trabajo, utilizando el documental brasileño “Estoy guardándome para cuando llegue el carnaval” (2019) como principal recurso didáctico para abordar los conceptos sociológicos de “trabajo”, “alienación” y “flexibilización del trabajo”. El documental fue filmado en la ciudad de Toritama, en el estado de Pernambuco, conocida como la “capital del jean”, retratando la vida de los trabajadores y la relación que desarrollan con el carnaval. Al final, los estudiantes produjeron una carta dirigida a los habitantes de la ciudad de Toritama, con el objetivo de reflexionar sobre los conceptos relacionados con el mundo del trabajo discutidos en clase.

**Palabras clave:** Documental y mundo del trabajo. Enseñanza de la Sociología. Flexibilización del trabajo. Relato de experiencia.

## **Introdução**

A reflexão deste trabalho se constitui como um relato de experiência de uma sequência de três aulas no componente curricular de Sociologia, realizada no ano de 2025, em uma turma de primeiro ano do ensino médio integrado ao curso técnico de Produção de Moda, no Instituto Federal de Santa Catarina, campus Araranguá/SC. A educação profissional e tecnológica dos Institutos Federais tem como objetivo a formação humana integral, compreendendo:

[...] todas as dimensões da vida no processo educativo, visando à formação omnilateral dos sujeitos. Essas dimensões são constituídas pelo trabalho, a ciência e a cultura. O trabalho compreendido como realização humana inerente ao ser (sentido ontológico) e como prática econômica (sentido histórico associado ao modo de produção); a ciência compreendida como os conhecimentos produzidos pela humanidade que possibilita o contraditório avanço das forças produtivas; e a cultura, que corresponde aos valores éticos e estéticos que orientam as normas de conduta de uma sociedade (Ramos, 2014, p. 86).

Assim, as escolas técnicas e de formação profissional buscam a superação de um modelo de educação exclusivamente voltada para o mercado de trabalho e que seja fragmentada entre a ação de executar e a ação de pensar, dirigir ou planejar. A integração entre a formação básica de nível médio e a formação técnica não são complementares ao entender “[...] o trabalho como princípio educativo, no sentido de superar a dicotomia trabalho manual / trabalho intelectual, de incorporar a dimensão intelectual ao trabalho produtivo, de formar trabalhadores capazes de atuar como dirigentes e cidadãos” (Ramos, 20214, p. 86). Em um curso integrado em Produção de Moda, a partir dos pressupostos gerais da educação profissional e do Projeto Pedagógico do Curso (IFSC, 2019), possibilita a formação humana integral aos estudantes e profissionais, ao proporcionar a qualificação técnica à formação cidadão, pelo incentivo ao pensamento crítico, a sustentabilidade, a participação social e a inovação tecnológica.

De acordo com Projeto Pedagógico do Curso (IFSC, 2019), o componente curricular de Sociologia possui a carga horária de 40h para cada um dos anos do ensino médio e a disciplina é

organizada de forma semestral. Este documento define os conhecimentos a serem construídos pelos estudantes, sendo um deles aqueles relacionados às transformações sobre o mundo do trabalho. Seguindo tais orientações, a sequência de aulas aqui relatadas trata do conceito “trabalho” a partir da definição clássica na teoria marxiana e seus desdobramentos conceituais como o de alienação, classes sociais e lutas de classes. Essa abordagem foi construída com o objetivo de produzir uma espiral de conhecimentos para os estudantes: partindo da definição conceitual do trabalho como a transformação da natureza e como uma atividade com a capacidade de humanização a partir da racionalidade e socialização, passando pela discussão sobre o tipo de trabalho característico da sociedade moderna e, por fim, objetivando chegar ao debate sobre o trabalho flexibilizado na sociedade contemporânea.

A estrutura deste relato foi pensada seguindo a mesma estrutura do planejamento das aulas ministradas. A metodologia, apresentando o planejamento e a descrição do número de aulas para o desenvolvimento dos conceitos e teorias, os recursos didáticos e a proposta de atividade para a turma. Em seguida, tem-se duas seções com reflexões que estruturaram a fundamentação teórica da aula ministrada aos estudantes, a primeira, referente ao trabalho na teoria marxiana (Marx, 1974) e, a segunda, ao trabalho flexível na sociedade moderna (Antunes, 2015). Depois disso, tem-se uma seção dedicada às discussões acerca do trabalho como conteúdo fundamental na disciplina de Sociologia na educação básica e as possíveis formas de abordagens, seja por conceitos, teorias ou temas. Inclusive, mobilizando as observações sobre transposições didáticas necessárias para estar de acordo com o nível de ensino básico. Além disso, esta seção foi dedicada à explicação sobre o uso de recursos audiovisuais, como filmes e documentários, como recurso didático assegurado pela legislação da educação brasileira. Por fim, as duas últimas seções são dedicadas à contextualização do documentário exibido na sala de aula “Estou me guardando pra quando o carnaval chegar” (2019) e o relato das três aulas ministradas, descrevendo a atividade proposta e apresentando trechos de algumas das cartas escritas pelos estudantes.

## **Metodologia**

O estudo do tipo relato de experiência na educação tem como finalidade de compartilhar e documentar as práticas pedagógicas executadas na sala de aula, ao descrever o planejamento, a escolha dos recursos didáticos-pedagógicos, as atividades propostas e a avaliação dos resultados, a partir de reflexões críticas sobre o que foi feito. As sequências de três aulas aqui relatadas tiveram duração de 1h50 cada e foram ministradas uma vez por semana. A primeira aula foi estruturada como a aula basilar para a sequência, visto que apresentou aos estudantes os principais conceitos e teve como recurso didático o uso de slides para a sistematização do conteúdo. A segunda aula foi utilizada para a exibição

do documentário “Estou me guardando para quando o carnaval chegar” (2019) com um momento reservado para o debate organizado para aliar os conceitos apresentados na aula anterior, ao que foi apresentado no documentário e também, a partir das anotações feitas pelos estudantes em seus cadernos, sobre momentos que mais lhes chamaram atenção, consideram importantes, chocantes ou que representaram os conceitos de trabalho flexibilizado, alienação, trabalho feminino, entre outros. Como será descrito na última seção, o momento reservado para o debate também proporcionou um momento de pesquisa por parte dos estudantes, que inicialmente não fez parte do planejamento da sequência de aulas. Por fim, a última aula foi dedicada à elaboração e leitura de uma carta como proposta de atividade e que terá os fragmentos apresentados ao final deste texto.

### **Breves reflexões sobre “trabalho” na teoria sociológica de Karl Marx**

Trabalho é uma categoria analítica cara à sociologia de modo geral e, igualmente, ao ensino de sociologia na escola básica. Teóricos clássicos da sociologia, cada um a seu modo, explicam as mudanças da sociedade feudal para a sociedade capitalista a partir da transformação no mundo do trabalho. Com o objetivo apresentar uma definição até então desconhecidas por estudantes do ensino médio sobre o trabalho, fez-se uso da clássica definição de Marx na obra *O capital* (1974):

Pressupomos o trabalho sob forma exclusivamente humana. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colmeia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador. Ele não transforma apenas o material sobre o qual opera; ele imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira [...] o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano com sua própria ação impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo, braços e pernas, cabeça e mãos, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza. (Marx, 1974, n. p.)

Com base no fragmento acima, compreende-se que na perspectiva marxiana, a definição de trabalho é, antes de tudo, a transformação da natureza para a satisfação das necessidades humanas primárias e que a cada necessidade suprida, uma nova transformação acontece para suprir uma nova necessidade e, assim, se inicia a cadeia de produção de inovação, que apenas ocorre em razão da capacidade de criatividade humana. Além disso, transformar a natureza é algo essencialmente humano -e é a principal característica de distinção dos seres humanos de outros animais- visto que, o trabalho é uma atividade que empenha racionalidade, envolvendo qualquer tipo de planejamento por parte de quem executa, ainda que seja apenas como uma projeção da atividade finalizada. Neste processo de

transformação da natureza, racionalidade e planejamento da atividade, o trabalho se apresenta enquanto uma atividade social, já que ocorre na relação com outros indivíduos, e, assim, tem a potencialidade de socialização. Isso porque, é por meio das atividades de trabalho que os indivíduos atuam em conjunto para as transformações da natureza que são necessárias e, deste modo, constroem aprendizados acerca da vida social, como toda e qualquer forma de linguagem, de cultura, de religião, de regras do direito ou ideologia. Sendo esta, a tese de que o trabalho desenvolve as relações sociais, que são definidas pelas relações de produção.

A partir dessas primeiras definições Marx desenvolve a teoria de classes sociais defendendo que ao mesmo tempo que o trabalho é uma atividade essencial para a vida humana e base da existência material (considerando tudo o que é criado) também é a fonte de exploração por uma classe. Para o teórico, a sociedade capitalista é dividida em duas classes sociais, a burguesia - formada por um grupo de indivíduos que detêm os meios de produção da sociedade -, e o proletariado - grupo daqueles que desprovidos dos meios de produção, vendem a força de trabalho para a burguesia como única forma de sobrevivência.

A relação entre as classes é complexa, conflituosa e antagônica e denominada pelo teórico como luta de classes. A burguesia, ao comprar a força de trabalho do proletariado por um salário, não o remunera com o valor total produzido por esse trabalhador durante toda a sua jornada de trabalho. Assim, existe um tempo de trabalho que o trabalhador dedica para produzir que não é recebido por ele em seu salário, que foi classificado de excedente da produção e denominado por Marx como mais valia. Tal excedente é apropriado pelo burguês e gera a acumulação do capital e o enriquecimento da burguesia. Nessa dinâmica, a classe burguesia sai em defesa cada vez mais da acumulação e a classe proletária luta por melhores salários e condições de trabalho - isso quando não está imersa na condição de alienação.

A alienação, conceito importante para compreensão do trabalho na teoria marxiana, e que faz com que os trabalhadores se encontrem em uma condição de estranhamento e desconexão com a atividade de trabalho - que deveria ser uma atividade criativa e com possibilidades inovadoras e inventivas. Assim, segundo Marx, a alienação pode adquirir quatro dimensões e a primeira delas está relacionada ao produto do trabalho, que é quando o trabalhador desconhece o que é produzido, visto que, tal produto não é para atender às suas necessidades de consumo. Uma segunda dimensão da alienação é aquela com relação ao processo de produção que, devido à fragmentação dos processos de trabalho motivados pela alta produção e pela eficiência, o trabalhador nem mesmo conhece o que venha a ser o produto final que foi produzido por ele mesmo. Isso porque, o estranhamento e desconexão sobre esse produto é resultante de um processo de produção mecânico e repetitivo nos momentos corporais e que, ao fim, é desprovido de qualquer resquício de criatividade e inovação que

o trabalho deveria ter. Tem-se, ainda, outras duas dimensões de alienação do trabalhador: a alienação sobre ele mesmo e a alienação com relação a outros trabalhadores. Dessas últimas, a primeira se refere à condição em que o trabalhador é reduzido exclusivamente à força de trabalho, a uma mão de obra para produzir bem de consumo e serviços, totalmente distante do conceito de trabalho como uma condição de humanização. Nesse sentido, o trabalhador não perde apenas o controle sobre o que produz e como produz, mas também sofre uma fragmentação de sua própria identidade, se dividindo entre “quem é” (um eu real, com desejos, expectativas) e “o que faz” (no mundo do trabalho). O trabalhador alienado com relação a ele mesmo é entendido como uma engrenagem em uma grande máquina em funcionamento. Por fim, a última dimensão é aquela em que o próprio sistema capitalista cria condições para que os trabalhadores sejam colocados em situação de competição pelo ingresso ou pela manutenção dos postos de trabalho ou, ainda, pelo aumento da produtividade. As relações de trabalho e, conseqüentemente, as relações sociais são relações mediadas por mercadorias, competição e exploração. Essa forma de alienação destrói a solidariedade entre os trabalhadores e os impede de se reconhecerem enquanto classe.

Diante de toda a complexidade apresentada por Marx sobre a alienação no mundo do trabalho, seria possível o mundo do trabalho estar desvinculado da alienação? Marx defende que sim e isso seria alcançado por meio do trabalho em sua dimensão emancipatória. Ou seja, seria a transição do trabalho alienado para o trabalho emancipado e, conseqüentemente, relações sociais também emancipadoras. A emancipação no mercado de trabalho corresponde à execução das atividades laborais de forma que sejam favorecidos a criatividade, a autorrealização e o bem comum. Os indivíduos poderiam desenvolver a atividade laboral de acordo com seus interesses e com as capacidades que detêm, assim, desenvolvendo diferentes atividades e não estando sujeitos à atuação específica em uma área, como é comum com a alta especialização no mundo do trabalho. Contudo, esse processo apenas é possível a partir da superação do sistema capitalista e, assim, da não exploração do proletariado pela burguesia.

A explicação de todos os conceitos apresentados nesta seção teve como objetivo caracterizar o trabalho na sociedade moderna para estudantes na sociedade moderna, que visou à próxima etapa de construção do conhecimento: o trabalho flexibilizado na sociedade contemporânea.

### **Flexibilização do trabalho na sociedade contemporânea**

Como exposto até o momento, compreende-se que a categoria trabalho foi um dos eixos centrais para a compreensão da sociedade moderna e todas as suas transformações. Na contemporaneidade, a categoria ainda se mostra como com o mesmo peso, ainda que o mundo do trabalho tenha sofrido consideráveis modificações que o diferenciam daquele modelo que era

específico da modernidade. Dentre essas modificações, tem-se a influência da globalização, que aparece como um fenômeno central e definidor das novas relações e sentidos do trabalho no trabalho contemporâneo. O sociólogo brasileiro Ricardo Antunes (2015) defende que a globalização é mais que um sistema econômico e se caracteriza também como um sistema cultural, social e político que impacta e dita as formas de organização, regras e a nova cultura nas relações de trabalho. Antunes (2015) defende que a influência da globalização é tão significativa que tem a possibilidade de reestruturar todo um sistema de produção a partir de tecnologias de robótica, inteligência artificial e informatização dos postos de trabalhos em atividades que exigem baixa qualificação ou que contavam com a execução de tarefas repetitivas e manuais.

Na sociedade moderna, o trabalho (ainda distante do trabalho influência da globalização) realizado nas fábricas era formalizado por contratos e considerado relativamente estável para o trabalhador, ainda que estivesse inserido em uma dinâmica de exploração do proletariado pela burguesia e de alienação. Já na sociedade contemporânea, diante de todas as transformações, a ideia de trabalho e de proletário também adquiriu novos contornos: o trabalho se distanciou da estabilidade (ainda que relativa) e passou para o estado de total instabilidade e de flexibilização por conta da ausência dos contratos de trabalho e os trabalhadores que atuam nessa dinâmica flexível são denominados de trabalhadores precarizados. Antunes (2015) afirma que esses “novos proletários” são muito diversos, atuando em diferentes atividades laborais e podem ser identificados em três grandes grupos:

Na primeira modalidade de informalidade remete à figura dos trabalhadores informais tradicionais, inseridos nas atividades que requerem baixa capitalização, buscando obter uma renda para consumo individual e familiar [...] Neste universo encontramos “os menos instáveis” que possuem um mínimo de reconhecimento profissional e dos meios de trabalho e, na grande maioria dos casos, desenvolvem suas atividades no setor de prestação de serviços, de que são exemplos, costureiras, pedreiros, jardineiros, vendedores ambulantes de artigos de consumo mais imediato [...] (Antunes, 2015, p. 247).

O sociólogo complementa a especificação sobre as atividades exercidas pelos trabalhadores precarizados identificando outros dois grupos: os trabalhadores assalariados, mas sem registro e os trabalhadores por conta própria.

Uma segunda modalidade remete à figura dos trabalhadores informais assalariados sem registro, ao arrepio da legislação trabalhista, uma vez que perderam o estatuto de contratualidade e que passaram da condição de assalariado de carteira assinada para a de assalariados sem carteira assinada, excluindo-se do acesso das resoluções presentes nos acordos coletivos de sua categoria. [...] A terceira modalidade que encontramos nos trabalhadores informais por conta própria, que podem ser definidos como uma variante de produtores simples de mercadorias, contando com

sua própria força de trabalho ou de familiares que podem inclusive subcontratar força de trabalho assalariada (Antunes, 2015, p. 249).

Reconhecer a diversificação do trabalho flexibilizado é reconhecer as diferentes formas que a precarização pode se moldar e até quais funções pode atingir e, essencialmente, compreender as transformações ocorridas no mundo do trabalho e os desafios do trabalho no mundo contemporâneo.

Todas as transformações no mundo do trabalho da sociedade moderna para a sociedade contemporânea são chamadas por Antunes (2015) de reestruturação da produção e é a partir da produção que se reestruturam também as relações sociais. Se antes, os trabalhadores tinham a produção controlada pela figura do burguês, na sociedade contemporânea e do trabalho precarizado, vivencia-se: “[...] a plena era da informatização do trabalho, do mundo maquinal e digital, estamos conhecendo a época da informalização do trabalho, dos terceirizados, precarizados, subcontratados, flexibilizados, trabalhadores em tempo parcial, do ciberproletariado” (Antunes, 2015, p. 127).

A era citada pelo sociólogo faz com que os trabalhadores vivam a perda ou a redução de direitos trabalhistas historicamente conquistados, como os contratos de trabalhos bem definidos, seguro-desemprego, licenças médicas remuneradas ou proteções contra demissões injustas. Os trabalhos que se distanciam de todos os direitos citados acima são aqueles ofertados a partir da classificação de “trabalhos informais”, que têm como flexibilização (ou a inexistência) de todos os direitos do trabalhador. Além disso, a informalização do trabalho dissemina a ideia de que sem contratos estabelecidos ou da ausência de recolhimento da contribuição à previdência social (que pode garantir os direitos trabalhistas básicos), o trabalhador poderá controlar o tempo de dedicação ao trabalho (não se restringindo ao que seria limitado pelo contrato) e aumentar a possibilidade de remuneração. Contudo, o que ocorre é exatamente o contrário, como os trabalhos flexibilizados em sua maioria são aqueles que menos exigem qualificação profissional porque são trabalhos manuais, repetitivos e que são exercidos por trabalhadores tanto em condições de vulnerabilidade econômica e social, quanto pertencentes a grupos vulneráveis, os valores pagos para os trabalhadores, de modo geral, são baixos e nem mesmo garantem o recebimento de um salário-mínimo mensal.

Diante dessas condições de precariedade financeira motivada pela precarização do trabalho decorrente do trabalho informal, coloca o trabalhador em uma posição de vulnerabilidade econômica que impede, por exemplo, a possibilidade de planejamentos com relação às finanças e projeções para o trabalho. Além disso, a condição de instabilidade econômica impossibilita até mesmo a reflexão sobre a própria condição do trabalho ofertado, se encontram apenas na condição de aceitação ao que é vivenciado. Além da precarização material, estes trabalhadores, como já citado no início desta seção, estão sujeitos à precarização das subjetividades, que se refere ao impacto psicológico e emocional provocado pelas instabilidades no mundo do trabalho. O documentário exibido como recurso



metodológico, o qual será problematizado na seção seguinte, expõe de modo muito evidente os impactos da precarização subjetiva, devido à ausência de novas perspectivas de trabalho, de sonhos ou de possibilidade de planejamento para alteração do que é vivenciado diariamente como forma de acaso.

É essencial ressaltar que, com a reestruturação na produção, são também reestruturadas as relações sociais, em que os trabalhadores. Ou seja, os trabalhadores que antes tinham a produção controlada pela figura do burguês, na contemporaneidade têm a produtividade e as relações com outros trabalhadores controladas pela informatização a partir de um monitoramento constante de toda e qualquer ação durante o trabalho. Como efeito de consequência, esse excesso de controle gera para o trabalho o seu desgaste físico, decorrente da demanda de alta produção, e o desgaste mental, decorrente do controle e da pressão pela alta produção.

O que se pode observar é que diante de todas as transformações do mundo do trabalho, das relações sociais e da forma como se entende quem são os trabalhadores, antes proletários e, hoje, como um grupo muito mais amplo e diversificado, a exploração do trabalho se mantém, porque, segundo Antunes (2015), esse tipo de relação é inerente ao sistema capitalista.

### **Formas de abordagem sobre “trabalho” no ensino de sociologia**

Para o ensino de sociologia na escola básica, o procedimento metodológico para abordagem de qualquer assunto tratado em sala de aula pode ser feito por meio dos temas, de conceitos ou de teoria (Moraes; Guimarães, 2010). Ainda que seja escolhido uma abordagem metodológica, pela própria natureza dos assuntos, considera-se que:

[...] é impossível trabalhar exclusivamente com um desses recortes sem que sejam feitas referências aos demais. Ainda que tenham características que os distingam, cada recorte, ao ser escolhido pelos professores para desenvolver determinada unidade do programa de Sociologia, atua como condutor central do trabalho docente; porém, depende da presença dos outros para que a análise seja mais completa (Moraes; Guimarães, 2010, p. 48-49).

Nesta sequência de aulas, optou-se pelo recorte metodológico a partir do conceito de trabalho como principal abordagem, isso porque, os conceitos representam:

[...] dimensão fundamental do trabalho científico e, ao ser trabalhado em sala de aula pelos professores, permite o domínio do vocabulário básico da linguagem sociológica. O emprego de um conceito reclama o conhecimento do contexto histórico e das condições ou razões também históricas que marcaram sua elaboração (Moraes; Guimarães, 2010, p. 49).

A discussão conceitual foi realizada a partir da teoria sociológica clássica de Karl Marx com o objetivo principal de proporcionar fundamentações para as reflexões sobre o trabalho na contemporaneidade. Deste modo, a primeira conceituação no interior da teoria, foi a definição de trabalho como a transformação da natureza pela atividade exclusivamente humana, as características do trabalho na sociedade moderna a partir do salário e a distinção entre trabalho e emprego. Em seguida, foi apresentado o conceito de alienação em suas quatro dimensões já exploradas anteriormente neste texto. A abordagem de teorias sociológicas, segundo Moraes e Guimarães (2010):

Ao serem expostas em sala de aula, visa-se introduzir os estudantes em um universo de argumentações sistematicamente organizadas, que lhes permitem a reflexão em torno de fenômenos que não lhes pareciam passíveis de problematização. As teorias são fortes aliadas dos professores quando se trata de reforçar o caráter científico das Ciências Sociais. Cumprem a tarefa de provocar a reflexão dos estudantes em torno de questões que fazem parte de seu dia a dia, e que, na maioria das vezes, são explicitadas por cristalizações do senso comum, sem que haja qualquer questionamento em relação às mesmas (Moraes; Guimarães, 2010, p. 53).

Considerando que esta aula foi ministrada em uma turma do ensino médio, foi fundamental tornar os conceitos e as teorias discutidos em sala acessíveis aos estudantes contextualizando o momento em que a teoria foi desenvolvida, o objetivo de desenvolvimento e apresentando como tal teoria possibilita a compreensão da sociedade hoje. Nesse sentido, explicando também o processo de construção do conhecimento científico, adentrando à ideia de que as teorias anteriores servem como base para o desenvolvimento de teorias atuais sobre o trabalho. Além disso, para a acessibilidade das teorias em nível de ensino médio, como recurso didático é recomendável o uso de recursos visuais como as charges, vídeos curtos, músicas, fragmentos de textos ou documentários, como o que foi utilizado neste caso - com o objetivo de tornar conceitos mais abstratos em uma compreensão mais concreta. Esse exercício de transposição didática deve ser realizado de forma que a linguagem utilizada seja acessível e que, ao mesmo tempo, não simplifique os conceitos e teorias garantindo a devida profundidade teórica.

### **O documentário “Estou me guardando para quando o carnaval chegar” como recurso didático**

O uso do documentário nas aulas de sociologia do ensino médio representa uma ferramenta didática que possibilita a ampliação das linguagens utilizadas no processo de ensino e aprendizagem, para além das aulas expositivas ou dos materiais didáticos escritos como os livros e apostilas. A incorporação de recursos audiovisuais na sala de aula foi uma forma de estimular uma nova linguagem de reflexão e de aproximação dos temas e conceitos apresentados em uma etapa anterior à exibição

do documentário. Além disso, o uso de documentários em sala de aula permite o estímulo ao desenvolvimento de um olhar voltado para a semiótica, como as construções das imagens, os elementos sonoros, as interpretações de símbolos e das mensagens visuais e não oralizadas que possam aparecer. No mais, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), que define e organiza o sistema de ensino público e privado brasileiro, incluiu no ano de 2014, no Art. 26 § 8º, a obrigatoriedade da exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. Essa medida tem como objetivo a promoção de acesso dos estudantes à cultura cinematográfica brasileira aliada a fins pedagógicos e voltando para o enriquecimento do processo de ensino e aprendizagem.

O documentário “Estou me guardando para quando o carnaval chegar” (2019) foi dirigido por Marcelo Gomes e gravado na cidade de Toritama, no estado de Pernambuco. A cidade é conhecida como a “capital do jeans” devido à presença de facções têxteis, que são as pequenas “oficinas” de costura geralmente especializadas na execução de uma pequena parte do processo de produção de uma peça. Essas facções são contratadas de forma terceirizada pela indústria que transfere para a facção um grande volume de peças ou de matéria-prima para ser apenas costurada, sem qualquer relação com parte de criação da peça (definição de tamanhos, cores, referência, estudo de tendências). Os trabalhadores das facções não possuem contrato de trabalho e são remunerados de acordo com a quantidade de peças produzidas na semana. Em Toritama praticamente todos os moradores trabalham com a costura de jeans e com a venda das peças na feira da cidade que acontece aos domingos.

O documentário retrata o dia a dia da cidade que, com o passar dos anos, teve o visual transformado pelas peças de jeans sendo transportadas por motos ou carroças pelas ruas. Além disso, acompanha alguns trabalhadores no cotidiano de trabalho nas facções, em que se dividem entre as pilhas de jeans e as máquinas de costura. Muitas vezes, esses espaços estão dentro das próprias casas dos trabalhadores - o que os faz não diferenciar o que é espaço de trabalho e o que é vida privada. Nas filmagens os trabalhadores interagem com o diretor contando sobre o que fazem em um dia comum de trabalho, a quantidade de horas dedicadas (o que às vezes soma-se mais de 12h diárias), e que no caso das mulheres se intensifica ainda mais contando com as atividades domésticas. Uma das trabalhadoras relatou que as 12 horas ou mais são distribuídas durante o dia e à noite e tendo como orientação o horário de preparo das refeições para a família. Assim, ela trabalhava antes do horário do café da manhã e voltava para casa para preparar a refeição e servir aos filhos, voltava para o trabalho e saía próximo ao horário do almoço retornando após prepará-lo e alimentar-se e permanecendo até o horário do jantar, quando saía novamente para servir o jantar aos filhos e retornava ao trabalho até por volta das 22h. Depois disso, voltava para a casa para dormir e no dia seguinte refazia exatamente as mesmas atividades. Nenhuma outra atividade é realizada e todo o tempo é preenchido com o trabalho.

Durante quase 1h30 de documentário, os trabalhadores contam o porquê preferem aquele modelo de trabalho praticado pelas facções: pela flexibilidade de horários e a possibilidade de gerar remuneração coerente com o tempo de dedicação ao trabalho, isto é, quanto mais trabalho, maior a remuneração. Em alguns relatos, os trabalhadores apresentam certo ceticismo em relação ao trabalho submetido à Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), por entenderem como demasiadamente burocrático e limitador da autonomia do trabalho por estabelecer regras específicas e, principalmente, relataram pelo fato de ter um padrão. Além disso, eles têm a percepção que o salário pago mensalmente pode não ser suficiente para suprir as necessidades básicas e com o recebimento por produção os ganhos podem ser mais atraentes. Nos trechos do documentário em que os trabalhadores tratam sobre esse assunto fica evidente a ausência de informações corretas sobre as leis trabalhistas e a forma de funcionamento dos contratos CLT. Igualmente é perceptível a valorização da cultura do empreendedorismo (ainda que não utilizem esse termo), que naquele caso em específico é pautado na informalidade do trabalho e que aparece no discurso dos trabalhadores como “ser dono do próprio negócio” ou “trabalhar sem ter patrão”.

A ideia de remuneração coerente com o que é produzido, de liberdade e dos benefícios de não ter patrão ou de ser dono do próprio negócio é, a todo momento, colocada em contraste com as imagens de precariedade que são filmadas nas casas e no ambiente de trabalho, que são pouco ventilados e iluminados, não possuem Equipamentos de Proteção Individual (EPI) e pelo uso de maquinários precários. Em diferentes momentos, o diretor do documentário dedica longos períodos filmando o trabalho repetitivo e barulhento das máquinas de costura, das mãos movimentando os tecidos próximo às agulhas e de máquinas com lâminas rotativas cortando pilhas de tecido próximo aos dedos e que ele chamou de “balé das mãos”. Essas imagens e os sons das máquinas foram cuidadosamente combinadas pelo diretor com o objetivo de criar uma atmosfera de aproximação do espectador da realidade dos trabalhadores de Toritama. Ao mesmo tempo, produz o sentimento de angústia com a ausência de segurança no trabalho e de reflexão acerca da contradição entre o que eles falam e o que vivenciam.

O principal ponto do documentário é abordado a partir da relação dos moradores e trabalhadores da cidade com o carnaval. Quando o carnaval se aproxima, os trabalhadores iniciam um movimento para viajar para à praia para aproveitar os dias de carnaval e de descanso do trabalho. O carnaval representa para essas pessoas um momento de liberdade das máquinas e do jeans e uma recompensa pelo ano anterior de trabalho.

O período é esperado com ansiedade e é permeado pela dúvida sobre a possibilidade de poder ou não fazer a viagem. Isso porque, como são trabalhadores sem registro de trabalho e, portanto, sem direito a férias remuneradas, passar alguns dias sem trabalhar demanda algum planejamento financeiro

e alguma perspectiva real sobre a importância e a possibilidade de descanso - o que não é observado no documentário - e mais uma vez as contradições são retratadas. A ida à praia durante o carnaval é financiada com muitas restrições pelos ganhos do trabalho precarizado e quando o dinheiro é insuficiente, os moradores vendem bem pessoais como eletrônicos, móveis e eletrodomésticos para que possam desfrutar do momento de lazer uma única vez ao ano. Quando retornam à Toritama, os itens são comprados novamente dos próprios sujeitos para quem eles foram vendidos antes do carnaval. Às vezes um novo produto é adquirido para repor aquele que foi vendido, ou então, apenas passam a acostumar-se sem aquele bem. Um dos trabalhadores que têm destaque no documentário não consegue dinheiro suficiente com o trabalho, tampouco com a venda de seus bens para ir e a viagem é financiada pela equipe do documentário. Em troca, a equipe solicitou que momentos de lazer fossem filmados: “nós filmamos o trabalho e eles o lazer”, foi a frase em que o diretor justificou o pedido. A partir dessas filmagens, os espectadores puderam observar que os locais de hospedagem eram ambientes com pouco conforto e muita simplicidade, característica comuns às moradias de Toritama e que se repetiram na praia.

O carnaval e os dias de descanso no litoral representam para os trabalhadores a fuga da rotina de trabalho exaustivo, um encontro com a liberdade que foi citada por eles inúmeras vezes. Após a passagem da festa, da celebração e da euforia da expectativa anterior à festa, os trabalhadores retomam a rotina e toda a alegria se contrasta com a monotonia e o cansaço do trabalho, assim eles esperam o ano seguinte, “se guardando” durante o ano inteiro sem momentos de lazer “para quando o carnaval chegar”.

### **Relatos das aulas e a carta como proposta de atividade**

Como já exposto anteriormente, a primeira aula de uma sequência de três aulas foi dedicada à abordagem de conceitos essenciais para alcançar os conhecimentos sobre as transformações sobre o mundo do trabalho, conforme o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) do curso técnico integrado ao ensino médio em Produção de moda. Para o suporte didático fez-se uso de slides com as definições de cada um dos conceitos e uso de charges que pudessem tornar concreto o conceito que até então eram abstratos para os estudantes. Além disso, a aula foi planejada buscando exemplificações a partir de situações concretas que diferenciam a atividade de emprego e o conceito de trabalho. Por exemplo, a atividade doméstica feita por mulheres, solicitando a diferenciação emprego/trabalho, as atividades desenvolvidas pelos padres da igreja católica ou a atividade de estudos, realizada pelos próprios estudantes. Esta primeira aula seguiu a metodologia expositiva e dialogada, buscando articular a

explicação dos conceitos dentro da teoria aos questionamentos e problematizações que partiram dos estudantes, principalmente, pelas diferenciações entre trabalho e emprego.

A segunda aula foi dedicada para a exibição do documentário e após finalizado, foi solicitado para a turma o compartilhamento das anotações feitas de pontos estratégicos orientados pela professora antes de iniciar. O objetivo foi o de gerar o debate e reflexão que serviriam de base para a atividade posterior. Assim, os estudantes foram convidados a expor as características do trabalho na cidade de Toritama, as (in)satisfações dos trabalhadores, a forma como interpretam o carnaval, as diferenças entre ser homem e mulher naquele contexto e as aproximações com os conceitos de trabalho, alienação e flexibilização que foram explicados na aula anterior. Ainda durante a exibição foi possível observá-los fazendo os cálculos de quanto um trabalho poderia ganhar por semana com remuneração de aproximadamente R\$ 0,25 por peça de jeans costurada e sugerindo estimativas de peças produzidas diariamente.

Durante o debate, os estudantes se questionaram sobre como é a cidade nos dias atuais, já que o documentário foi gravado no ano de 2019 e fizeram pesquisas usando o celular sobre a cidade no *Google Maps* para saber se na cidade ainda inexistiam restaurantes abertos aos finais de semana, como contou uma das trabalhadoras no documentário. Além disso, se questionaram sobre o comportamento dos trabalhadores durante o período da pandemia da Covid-2019, que aconteceu no ano seguinte às gravações. As pesquisas sobre a cidade se estenderam sobre as opções de lazer, como o cinema, e sobre a quantidade de habitantes no último Censo (2022), fazendo a comparação com a cidade de Araranguá.

Foram interessantes as conexões feitas pelos estudantes com outras disciplinas, quando observaram a geografia da cidade de Toritama e a classificaram como uma região “de sertão” e que, depois de pesquisas rápidas na internet, compreendem que é definida como “semiárido”. Ademais, observaram os contrastes entre o rural e o urbano na mesma cidade, relembando algumas cenas. O rural foi retratado por um morador fazendo o traslado de cabras de uma fazenda a outra em meio ao silêncio do trajeto e o balido das cabras. Já no urbano, o barulho ensurdecedor das máquinas e a confusão de vendedores e compradores das peças na feira de domingo. Durante o debate, os estudantes ainda demonstraram capacidade de relacionar cenas do documentário com um dos primeiros conteúdos do currículo de sociologia para o primeiro ano do ensino médio: os tipos de conhecimento e senso comum. Assim, debateram sobre a cena em que um dos poucos moradores que não trabalhava nas facções disse ter conhecimento sobre as chuvas na região, afirmando que saberia indicar exatamente quando iria acontecer e descrevendo o seu método de observação da direção dos ventos e do comportamento dos animais.

Na terceira aula, que foi seguinte à exposição e ao debate sobre o documentário, os estudantes receberam como proposta de atividade a elaboração de uma carta endereçada aos moradores da cidade de Toritama com as seguintes orientações:

Após assistir ao documentário “Estou me guardando para quando o carnaval chegar” e do debate em sala de aula, imagine que você esteja escrevendo uma carta endereçada a um dos trabalhadores de Toritama. Inicie a carta, com uma saudação, por exemplo, “Caro(a) morador de Toritama”, depois disso, elabore uma reflexão sobre o trabalho flexibilizado e precarizado daqueles trabalhadores, sobre a importância do Carnaval naquele contexto e comente com o seu interlocutor sobre cenas (curiosas, interessantes, bonitas etc.) do documentário que lhe chamou a atenção. Além disso, tenha interesse em saber mais sobre os moradores/trabalhadores, faça perguntas e exponha suas dúvidas sobre a cidade, o trabalho, a rotina... ao final, não esqueça de se despedir!

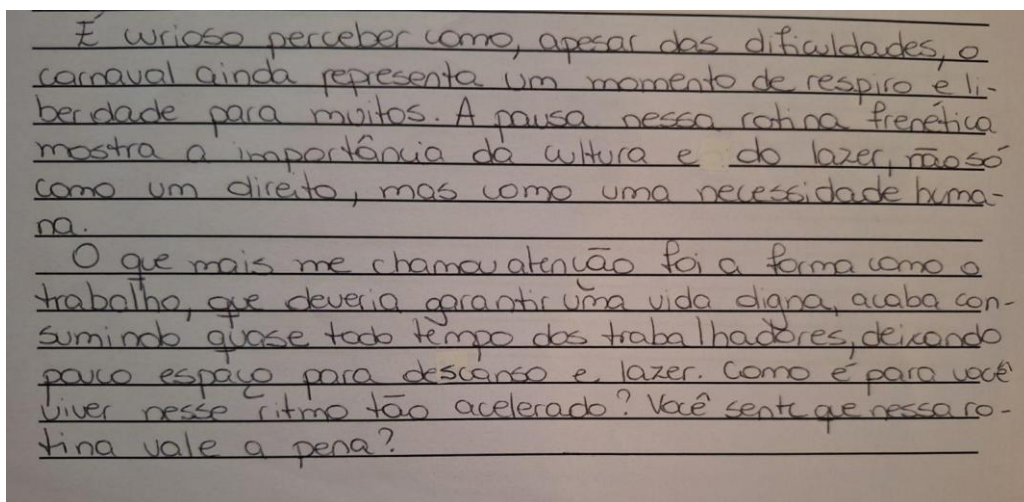
Após a realização da atividade em sala e em duplas, os estudantes compartilharam com os colegas suas cartas em uma leitura em voz alta. A experiência possibilitou a aproximação entre os temas e os conceitos trabalhados nas duas aulas anteriores de maneira mais concreta e a partir de uma estratégia didática que alia a criatividade, a reflexão crítica e a produção textual. A leitura das cartas proporcionou novos debates e manifestações dos estudantes sobre pontos que ainda não tinham refletido e com sugestões de respostas às perguntas feitas pelos colegas aos trabalhadores.

De modo geral, as cartas ora focalizavam exclusivamente reflexões sobre o trabalho flexível ou o carnaval, ora deram peso maior às indagações dos estudantes. Quando o foco era a reflexão sobre trabalho ou carnaval, as escritas das cartas tomaram um posicionamento bastante incisivo e crítico sobre a sujeição dos trabalhadores àquelas formas de trabalho. Nestes casos, os estudantes foram convidados mais uma vez a refletir sobre os efeitos da permanência por muitos anos em trabalhos precarizados e o impacto nas histórias de vida dos trabalhadores que, por vezes, causa a impossibilidade de reconhecimento da própria condição de trabalho. Além disso, os estudantes foram lembrados que a ausência de informações e das complexas condições de desigualdades estruturais que vão além das escolhas individuais por aquele trabalho em específico, visto que são condições estruturais da sociedade e, como analisado nas aulas anteriores, por mais que o mundo do trabalho tenha passado por reestruturações, a exploração dos trabalhadores foi mantida. Quando as cartas focavam em questionamentos aos moradores, tinham como temas, por exemplo, o turismo da cidade, aspectos relacionados à educação, à satisfação com relação à remuneração recebida pelo trabalho, à sustentabilidade e ao destino dos resíduos da produção (visto que este é um tema abordado no curso de Produção de Moda), os rituais de morte como velório na cidade e as possibilidades de visita à praia em um momento que não seja o período de carnaval para que os custos da viagem e estadia sejam

mais acessíveis. Um dos estudantes replicou em sua carta um trecho do poema “Raiva nas trevas o vento” de Fernando Pessoa, por identificar, segundo ele, alguma semelhança com a vida dos trabalhadores de Toritama.

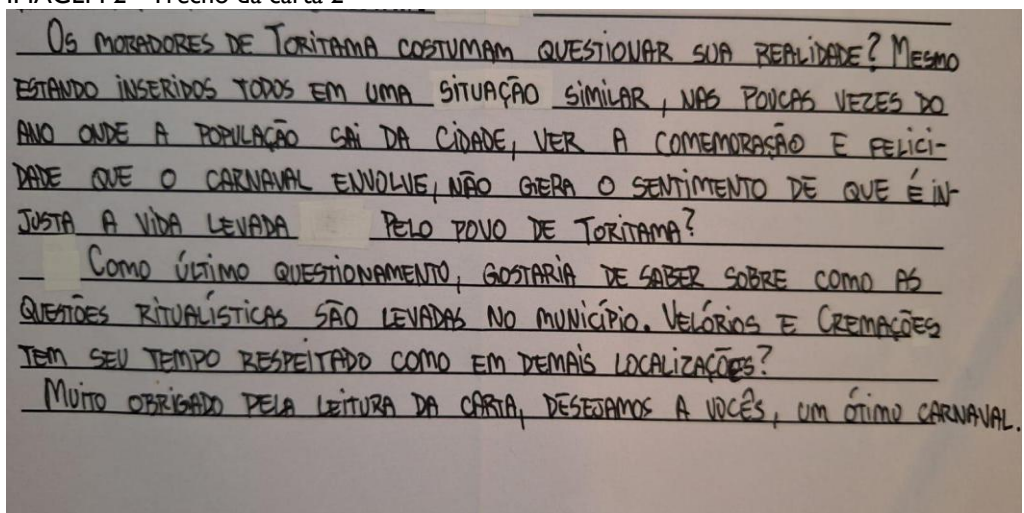
As imagens abaixo são fragmentos de algumas das cartas produzidas pelos estudantes.

IMAGEM 1 - Trecho da carta 1



Fonte: a autora.

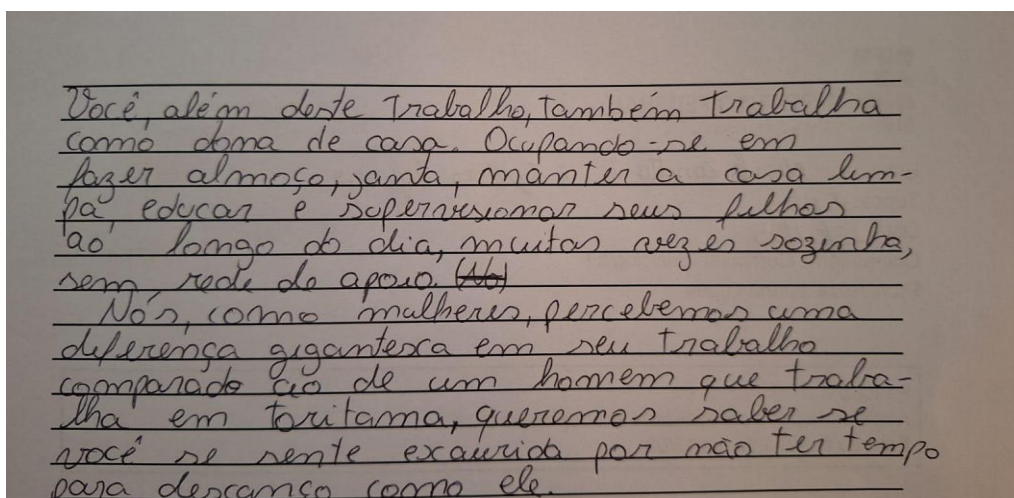
IMAGEM 2 - Trecho da carta 2



Fonte: a autora (2025).

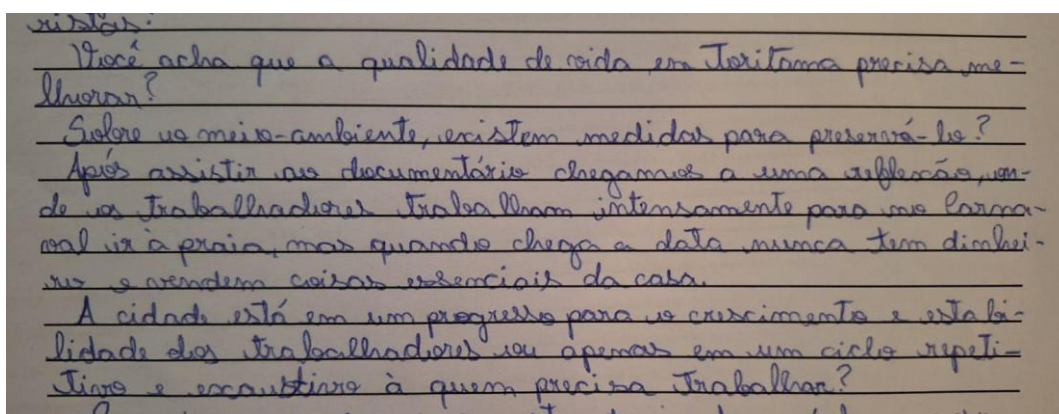


### IMAGEM 3 - Trecho da carta 3



Fonte: acervo da autora (2025).

### IMAGEM 4 - Trecho da carta 4



Fonte: acervo da autora (2025).

## Balanco dos resultados das aulas

O resultado da atividade se apresentou bastante positivo, mas que também pode ser aprimorado. O primeiro ponto que merece observação para ser refinado trata de questões metodológicas da aula, como por exemplo, tempo dedicado ao debate, que se mostrou insuficiente para a quantidade de compartilhamentos que os estudantes desejavam fazer. Além disso, a etapa de pesquisa (que não estava planejada na aula, mas que foi feita pelos estudantes) em outro momento em que essa sequência seja reproduzida, poderá ser sistematizada e incorporada como uma das atividades para a turma.

Os demais comentários aqui apresentados são relacionados aos resultados positivos como, por exemplo, a observação da construção crítica sobre o conceito de trabalho até então desconhecido

para os estudantes e a diferenciação de emprego. Isso foi perceptível a partir das relações feitas por eles refletindo sobre as diferentes profissões. Além disso, reproduziram falas sobre “estar trabalhando”, enquanto executavam a atividade de estudar, e que isso seria informado aos pais e responsáveis suas casas. A atenção à estética do documentário também foi algo que chamou a atenção. Os estudantes trouxeram para o debate em sala a comparação da filmagem de algumas cenas de instrumentos comuns ao cotidiano dos moradores com obras de arte como se estivessem em museus. Por exemplo, citando as cenas em que apareciam os manequins e as máquinas de trabalho. Isso corrobora com o objetivo do Art. 26 § 8 da Lei de Diretrizes e Bases, que fomenta a construção do pensamento crítico a partir de diferentes recursos pedagógicos e a ampliação da sensibilidade artística e estética na escola.

Observou-se também que a participação espontânea na leitura da carta para todos os colegas foi bastante significativa ao comparar com as propostas de outras atividades que os estudantes também são convidados a apresentar os resultados para a turma. Isso leva a concluir que a atividade de elaborar uma carta, naquele momento, pode ser considerada mais engajadora para os estudantes. Por fim, foi possível identificar a capacidade crítica dos estudantes com relação ao contexto do qual fazem parte. Ou seja, como estudantes de um curso de Produção de Moda em uma cidade em que se concentra um pequeno polo têxtil em que alguns, após a conclusão do curso poderão ser absorvidos pelo mercado de trabalho da região. Além disso, muitos estudantes são filhos ou netos de costureiras e reproduziram na aula os relatos de seus familiares sobre o trabalho na área têxtil, analisando situações similares ao que tinham visto no documentário (ainda que menor escala) e refletindo sobre o que pode ser modificado para futuros profissionais da área.

## Referências

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?**: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho. 16ª edição. São Paulo: Cortez, 2011.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

**ESTOU me guardando para quando o carnaval chegar**. Direção de Marcelo Gomes. Produção de Nara Aragão e João Vieira Jr. São Paulo: Netflix, 2019. 1h25.

MARX, K. **O capital**: crítica à economia política. Tradução de J. Teixeira Martins e Vital Moreira. Transcrição de Alexandre Linares. HTML por José Braz. 1ª edição em português. Coimbra: Centelha, 1974. 1ª edição original, 1867. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/ocapital-v1/index.htm#topp> Acesso em: 10 março 2025.

MORAES, A. C.; GUIMARÃES, E. da F. **Metodologia de ensino de ciências sociais**: relendo as OCEM-Sociologia. Sociologia: ensino médio. Tradução. Brasília: Ministério da Educação, 2010.

PROJETO POLÍTICO DE CURSO EM PRODUÇÃO DE MODA. **Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC)**, Campus Araranguá, 2025.

RAMOS, M. N. **História e política da educação profissional**. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014. - (Coleção formação pedagógica; v. 5). Disponível em: <https://ifpr.edu.br/curitiba/wp-content/uploads/sites/11/2016/05/Historia-e-politica-da-educacao-profissional.pdf> . Acesso em 24 de março de 2025

*Recebido: 28/03/2025*

*Aceito: 17/04/2025*

*Received: 03/28/2025*

*Accepted: 04/17/2025*

*Recibido: 28/03/2025*

*Aceptado: 17/04/2025*

